

# “Língua o quê?” Concepções do objeto de ensino, um problema para a Linguística Aplicada

Em 2017 a *Calidoscópico* comemora a publicação de seu décimo-quinto volume. Esse importante marco na história de nosso periódico resulta da contribuição de várias forças que nos impulsionaram nessa trajetória. Em primeiro lugar, gostaríamos de destacar e agradecer pelo inestimável papel dos avaliadores, cujo trabalho e dedicação nos ajudaram a conquistar a confiança de linguistas aplicados do Brasil e de outros países, como Portugal, Espanha, Chile, Moçambique, Argentina, Irã, Timor, entre outros. Essa confiança em nosso processo de avaliação e editoração se revela não só pelo constate aumento do número de submissões que recebemos, mas principalmente pela postura dos autores ao receberem as avaliações de seus trabalhos: não só agradecem pelas observações e sugestões, mas também manifestam o quanto os pareceres representam respeito por e valorização de seu trabalho.

É necessário registrar também a importante contribuição da Editoria de Periódicos e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos, sem a qual não teríamos a qualidade final de edição dos textos, nem a criteriosa preparação de cada número da revista.

Por fim, devemos mencionar o aporte financeiro do CNPq e da CAPES/FAPERGS, recebido por meio de diversos editais de Editoração de Periódicos, aporte indispensável para periódicos de livre acesso que não recebem verbas de assinatura ou venda de exemplares.

É, porém, com grande tristeza que devemos registrar, neste décimo-quinto volume da *Calidoscópico*, o falecimento de nosso estimado colega John Robert Schmitz, da Unicamp, recentemente ocorrido. Trata-se da perda inestimável de um colega que muito contribuiu para o desenvolvimento da Linguística Aplicada no Brasil e para o nosso periódico, seja como autor, com os artigos intitulados *Uma análise crítica de “Linguagens, códigos e suas tecnologias” de Rojo e Moita Lopes (2004)*<sup>1</sup>, publicado em 2008 e *The native speaker and nonnative speaker debate: what are the issues and what are the outcomes?*<sup>2</sup>, publicado em 2013; seja como avaliador, emitindo pareceres exemplares no sentido da busca de interlocução com os autores dos manuscritos avaliados; seja ainda como conselheiro, ajudando-nos a alargar nosso quadro de avaliadores por compartilhar conosco o imenso conhecimento que tinha da comunidade de linguistas aplicados em nosso país. Sua generosidade sempre nos animou

a enfrentar as dificuldades e prosseguir da melhor forma possível na consolidação de nosso periódico.

Este número da *Calidoscópico* é dedicado à linha de pesquisa *Linguagem e práticas escolares*<sup>3</sup> do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos. Os dezesseis artigos que seguem estão organizados da seguinte forma: inicialmente, temos um artigo que trata da prescrição social de uma norma-padrão da língua portuguesa no Brasil cujas múltiplas designações revelam imprecisão conceitual com reflexos deletérios para o ensino e, particularmente, para a avaliação de conhecimento e/ou competências linguísticas. A seguir, pensamos, inicialmente, que os artigos se organizariam em dois grandes blocos: o primeiro, voltado para o ensino da língua materna, e o segundo, para o ensino de língua estrangeira, o que não se confirmou no exame mais atento dos textos.

Quanto ao primeiro bloco, a designação língua materna para o objeto de ensino só aparece em alguns poucos casos, seja ela referente ao ensino de português no contexto brasileiro, ou ao ensino de espanhol, no contexto espanhol. Nos demais, o objeto de ensino é a língua X (a língua portuguesa na maioria dos casos), sem que se considerem ou discutam as características sociolinguísticas dos alunos e o real *status* da língua ensinada nos respectivos contextos escolares em contraste com a(s) variedade(s) ou línguas que (co)existe(m) nas comunidades de onde provêm os alunos, o que, certamente, tem implicações quanto ao quê e ao como ensinar. Além disso, em sociedades linguisticamente muito complexas, como Moçambique, há de se perguntar o que a língua portuguesa é para os alunos do ensino médio: língua materna, segunda língua, língua colonial ou o quê?

Quanto ao segundo bloco, a grande maioria dos artigos caracteriza o objeto de ensino como língua estrangeira, e apenas o último se vale da concepção de língua adicional. A nosso ver, não se trata apenas de diferentes nomes para a mesma coisa, e sim, de diferentes concepções sobre o que o objeto de ensino significa para o aluno, com implicações para os sentidos da aprendizagem. De modo bem simplificado (com todos os riscos que as simplificações implicam), talvez se pudesse dizer que a denominação *língua estrangeira* implica conceber o objeto de ensino como alheio ao aprendiz, como de outros muito ou pouco distantes de sua realidade, conforme o caso, enquanto a denominação *língua adicional* implica conceber o objeto de ensino como um conhecimento que o aprendiz adiciona

<sup>1</sup> <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/5244>

<sup>2</sup> <https://doi.org/10.4013/cld.2013.112.04>

<sup>3</sup> <http://www.unisinos.br/mestrado-e-doutorado/linguistica-aplicada/presencial/sao-leopoldo/linhas-de-pesquisa>

ao seu repertório, do qual se apropria para conhecer-se e conhecer (mais e melhor) o seu mundo, que não se limita às fronteiras municipais, estaduais ou nacionais e que inclui outras (muitas) línguas em diferentes funções e domínios.

Portanto, no que se refere à língua *isso* ou à língua *aquilo* como objeto de ensino, não temos de fato dois blocos, e sim um leque de possibilidades conceptuais cujos expoentes são *língua materna* e *língua estrangeira*. Nos artigos, vemos que algumas dessas concepções são pressupostas como dadas ou óbvias e nem precisam ser mencionadas; outras são indeterminadas ou abertas a qualquer situação de ensino de língua; outras ainda são apresentadas como objetos alheios e, finalmente, outras são explícitas, ainda que assentadas em verdadeiros mitos, como o da língua materna (Rampton, 1990). Diante dessa diversidade, complexidade, invisibilidade etc., vale perguntar qual tem sido ou pode ser a contribuição da Linguística Aplicada para uma maior precisão conceptual, nomenclatural e teórico-metodológica. A nosso ver, considerando o crescente grau de diversidade e de complexidade sócio-étnico-linguística das sociedades contemporâneas diante dos constantes fluxos migratórios recentes e da facilitação dos intercâmbios, cabe aos linguistas aplicados refletirem sobre como conceber seus objetos de ensino, como designá-los e como as características sociais atuais afetam ou não seu ensino. Pensamos que essa reflexão precisa ser feita em conjunto com as vertentes de Sociolinguística e a crescente área de Políticas Linguísticas. Por isso, ao se debruçarem sobre os artigos que integram este número da *Calidoscópio*, convidamos os leitores a refletir sobre essa questão, posta no título deste texto: “língua o quê?”, no sentido de desvelar o que é esse objeto de ensino *para quem ensina*, de um lado, e *para quem aprende* de outro, e de considerar também as implicações de focalizar a relação ensino-aprendizagem nas análises que empreendem e nos resultados que apresentam.

*A norma-padrão (e seus outros nomes) na avaliação da produção escrita*, de autoria de Francisco Eduardo Vieira, professor doutor da Universidade Federal da Paraíba é o primeiro artigo do presente número da *Calidoscópio*. Trata-se de reflexão crítica sobre o controvertido uso dos termos *norma-padrão* e *norma culta*, entre outros, no ensino e na avaliação da produção escrita em língua portuguesa no contexto brasileiro. O autor examina o caso do Exame Nacional do Ensino Médio, ENEM, considerando as orientações referentes à prova de redação, cobrindo um período que se estende desde a sua criação, em 1998, até 2014. Ao analisar uma prova de redação do ENEM, reflete sobre a necessidade de abandonarmos o prescritivismo dissociado dos usos cultos e defende, para o ENEM, uma atividade de avaliação mais aberta à realidade e, nas orientações, o uso da referência à *modalidade escrita formal do português brasileiro contemporâneo* em lugar das denominações menos precisas antes empregadas.

*O ensino do texto escrito segundo professores de Língua Portuguesa de escolas públicas de Niterói (RJ):*

*a disparidade teoria-prática*, é de autoria de Jéssica do Nascimento Rodrigues, professora doutora da Universidade Federal Fluminense, e de Mary Rangel, também professora doutora da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. O artigo tem como objetivo analisar a fala de professores de LP do Ensino Fundamental da rede pública de Niterói e, com isso, investigar dois aspectos: primeiramente, como eles compreendem o trabalho com textos escritos no Ensino Fundamental; e segundo, como ocorre esse trabalho em suas aulas. Baseado na Teoria da Enunciação para analisar as falas dos professores, e na Linguística Textual como fundamentação teórica sobre o ensino do texto escrito, o estudo estabelece um quadro muito claro do direcionamento que a cultura formalista da escola dá à proposta de trabalho com gêneros no ensino da produção de texto. O artigo ainda traz reflexões importantes para professores de LP sobre a produção de textos escritos em língua portuguesa do Brasil.

A seguir, há dois artigos sobre leitura e um sobre letramento, todos voltados para a modalidade escrita da *língua portuguesa*.

O artigo *A utilização da plataforma “Ainda estou a aprender” na avaliação e na intervenção nas dificuldades na aprendizagem da leitura: Um estudo de caso* surpreende, inicialmente, pelo grande número de autores, pouco comum em Linguística Aplicada. Respondem pelo artigo Iolanda Ribeiro, professora doutora da Universidade do Minho, Portugal; Sandra Santos, doutoranda em Psicologia Escolar e da Educação pela mesma instituição; Adriana Baptista, professora doutora da Escola Superior de Educação, Politécnico do Porto, Portugal; Celda Choupina, professora doutora da mesma instituição; Sara Brandão, doutoranda em Psicologia Aplicada pela Universidade do Minho; Irene Cadime, professora doutora também da Universidade do Minho, Carla Silva, doutoranda em Psicologia da Educação pela Universidade do Minho; Helena Azevedo, doutoranda em Psicologia Aplicada também pela Universidade do Minho; e Fernanda Leopoldina Viana, professora doutora da mesma instituição. O artigo é um recorte de um amplo projeto de pesquisa coletiva interinstitucional e considera as dificuldades na aprendizagem da leitura (DAL) em língua portuguesa, focalizando a avaliação e a intervenção. As autoras, além de resenhar os principais resultados de estudos sobre as dificuldades, informam quais são as condições chave para uma intervenção eficaz, dentre as quais estão precocidade, sistematicidade, ensino explícito, individualização (porque há muitas diferenças entre os casos) e intensidade. No artigo, apresentam a plataforma educativa “Ainda Estou a Aprender”, de modo a destacar como os recursos tecnológicos podem auxiliar tanto no diagnóstico quanto na intervenção. Ademais, apresentam um estudo de caso de um menino com DAL que usou a plataforma e apresentou diversas melhoras mesmo num curto intervalo de 5 semanas. As vantagens do uso da tecnologia são apropriadamente destacadas, até porque democratizam

as oportunidades e facilitam a aprendizagem sem grandes mudanças na rotina de vida das crianças. Como a incidência de DAL é alta e a etiologia, muito diversificada, é realmente muito importante poder contar com recursos que auxiliem a identificar e tratar os problemas individualizadamente.

O artigo intitulado *O ensino da leitura em língua materna ancorado na perspectiva discursiva: uma proposta de leitura de um conto contemporâneo* é de autoria de Luciana Ferreira Dias Di Raimo, professora doutora da Universidade Estadual de Maringá, e de Thamires Nascimento Dearo, mestranda em Letras pela mesma instituição. O artigo se destaca por duas razões principais: (1) enfrentar o desafio de praticar a análise de discurso em texto literário; (2) articular conteúdos teóricos da análise do discurso de linha francesa com sua aplicação prática no campo da Linguística Aplicada. Assim, apresenta uma proposta concreta de trabalho de sala de aula com um conto de Sérgio Sant ‘Anna, considerando alunos do nono ano do Ensino Fundamental. A proposta de leitura envolve perguntar não “o que o texto diz”, mas “como o texto significa”. São apresentadas as etapas da proposta de leitura, sempre bem alicerçadas na teoria escolhida. Dentre os objetivos, está o de ir além da análise estrutural do conto tradicionalmente proposta em materiais didáticos e nas práticas de sala de aula. A análise do conto proposta pelas autoras visa, pois, a formação de leitores críticos, o que certamente confere relevância ao texto. Por fim, em face da pergunta constante no título desta apresentação, chama atenção o fato de ser este o único artigo que menciona, em seu título, tratar-se de ensino de leitura em *língua materna*.

*Letramento para “ler o mundo”*: a construção de um conceito socialmente situado no contexto escolar, de autoria de Eliseu Alves da Silva, doutorando em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria. Baseado em estudos sobre Letramento, o autor desse artigo analisa respostas dadas por professores de escola pública de Santa Maria (RS) sobre o conceito de letramento. É interessante ressaltar que os professores participantes da pesquisa ministravam diferentes disciplinas escolares, a saber, Matemática, Língua Portuguesa e Geografia. Utilizando dois momentos para coleta dos dados, um antes e outro após uma formação continuada sobre o tema, o autor percebe que as respostas dos professores, que inicialmente estavam mais voltadas para letramento como decodificação do texto escrito, dentre outros conceitos, após a formação, caracterizam a prática como “leitura crítica do mundo”. O texto é relevante para o campo da formação de professores de todas as áreas, e não só de Língua Portuguesa, e traz reflexões muito pertinentes sobre o fazer docente.

Os dois textos seguintes também tratam de temas relacionados com a modalidade escrita da língua, porém, mais especificamente, com a grafia correta das palavras.

*O ditado* é de autoria de Mitsi Pinheiro de Lacerda, professora doutora da Universidade Federal Fluminense. Trata-se de estudo sobre uma longa e muito disseminada

prática escolar com o objetivo de levar à reflexão crítica sobre os fins a que serve ou poderia servir. O embasamento teórico vem de Bakhtin, Certeau e Foucault. O artigo apresenta uma série de empregos do ditado, a começar pela literatura, onde se relaciona com a autoria e com fatos narrados que nos levam a seu uso escolar. Aí, seu estatuto como teste ou exame é discutido, assim como seu papel regulador que iguala a todos. Como diz a autora, basta o anúncio do ditado para que se dissipe a diversidade e se cale a polissemia. Analisando textos sobre ditado existentes na *Internet* e entrevistas [em língua portuguesa e no contexto brasileiro] que trazem memórias sobre o ditado, realizadas com uma diversidade de sujeitos escolarizados de várias idades, a autora põe em questão o papel dessa prática na aprendizagem dos alunos. Além disso, explicita articulações entre essas memórias e as orientações oficiais e o material didático corrente na atualidade. A análise vai desvelando o caráter de dispositivo escolar do ditado que “ensina” muitas lições tácitas para além da que lhe é intrínseca. Por isso mesmo, sua conversão pelos usuários pode levar à construção de novos sentidos, para além da regulação.

O artigo seguinte intitula-se *O registro do hífen na aquisição da escrita* e é de autoria de Cristiane Carneiro Capristano, profesora doutora da Universidade Estadual de Maringá, e de Viviane Favaro Notari, mestre em Estudos Literários pela mesma instituição. O artigo trata de um tema relevante e pouco explorado nos estudos da aquisição da escrita, a saber, o uso do sinal gráfico hífen em enunciados escritos de crianças da antiga quarta série, atual quinto ano. Os 421 enunciados analisados foram extraídos de um grande banco de dados de produções escritas em língua portuguesa por alunos das primeiras quatro séries do EF. Os dados são de 38 crianças de duas escolas públicas de cidade do interior de São Paulo. O objetivo dessa análise é investigar o uso convencional e não convencional do hífen. Foram realizadas análises quantitativa e qualitativa dos dados. Os resultados revelam grande acerto no uso do hífen, em concordância com a ortografia. Entretanto, como examinam também os usos não convencionais, estabelecem uma relação do uso desse sinal gráfico com as práticas orais e/ou letradas do dia-a-dia dessas crianças. Assim, o registro do hífen seria resultado de aprendizagens formais e informais, das práticas orais e/ou letradas dos alunos na e fora da escola.

O artigo a seguir trata de outra prática escolar, como revela seu título: *O parecer escolar descritivo sob um olhar enunciativo*, de autoria de Bárbara Luzia Covatti Malcorra, mestranda em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e de Vera Helena Dentee de Mello, professora doutora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Baseadas na Teoria da Enunciação e valorizando a dimensão antropológica da linguagem como experiência intersubjetiva, as autoras têm como objetivos verificar como se dá a intersubjetividade nos pareceres descritivos escolares e como se constrói a referência. Para isso, apresentam a análise e discussão de

um parecer descritivo de um aluno do Ensino Fundamental da rede municipal de Novo Hamburgo (RS), como um recorte de um estudo mais amplo. As autoras constatam que o professor não emprega índices do “eu”, mantendo oculta sua identidade, distanciando-se do “tu” (a pessoa a quem se dirige) e do “ele” (o aluno sobre quem fala) e empregando predominantemente a terceira pessoa verbal. Diversos outros aspectos da construção do parecer são então analisados, tais como tempo e aspecto verbal, escolha de adjetivos e de verbos modais, entre outros recursos linguísticos. O caráter singular deste parecer, enquanto enunciação, é ressaltado e a reflexão proposta visa qualificar o trabalho do professor.

O próximo artigo, cujo título é *Aprendiendo a escribir durante la enseñanza obligatoria ¿deseo o realidad?*, é de autoria de Antonio Rodríguez Fuentes, professor doutor da Universidad de Granada, Espanha, e de José Luis Gallego Ortega, também professor doutor da Universidad de Granada. O artigo destaca-se por apresentar estudo sobre a evolução da competência escrita na Educação Básica da Espanha, realizado mediante a utilização de métodos quantitativos e qualitativos. Os autores analisam não apenas a competência, mas também as dificuldades apresentadas pelos estudantes. O estudo se destaca pelo grande rigor metodológico, que permite aos autores medir quantitativamente os avanços ou a estagnação no desenvolvimento da competência escrita entre os níveis escolares considerados e levando-os a refletir sobre como ajudar os alunos a superar as dificuldades e a melhorar tal competência na Educação Básica espanhola.

Com o artigo a seguir, nossa atenção se volta para o ensino de português em escolas de Moçambique. Com o título *A terminologia do futebol em Moçambique: o caso dos neologismos na aula de língua portuguesa do ensino médio*, os autores Alexandre António Timbane, professor doutor da Universidade Federal de Goiás, e Ezra Alberto Chambal Nhampona, doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina e professora da Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique tratam de tema pouco discutido em Linguística Aplicada: os neologismos. Além disso, tratam do *status* da língua portuguesa, em relação com a pergunta apresentada no título desta apresentação. Os autores caracterizam a língua portuguesa falada em Moçambique e as influências que recebe das línguas bantu. Chama nossa atenção as denominações atribuídas ao português: língua oficial, de prestígio, língua materna de poucos, língua de ensino e língua do colonizador, revelando uma situação linguística muito complexa e conflituosa. Caracterizam também o sistema escolar (ensino médio) no país, de modo a contextualizar a discussão que propõem. A seguir, argumentam que o português moçambicano utiliza vários neologismos, mas que essa criação neológica é, de maneira geral, considerada inadequada por professores e gestores do ensino médio do país. Fazendo frente a essa avaliação negativa, os autores apresentam então uma pesquisa sobre o uso de

neologismos do futebol no Jornal *Notícias* e refletem sobre a necessidade de se utilizar novos paradigmas metodológicos para explorar esses neologismos em sala de aula.

*Tecnologías para la enseñanza de lenguas extranjeras: una contribución para lograr los retos educativos de Brasil*, é de autoria de María Matesanz del Barrio, professora doutora da Universidad Complutense de Madrid, e de Viviane Ferreira Martins, doutoranda em Linguística pela mesma universidade. O trabalho ressalta a importância das tecnologias no ensino de línguas, reconhecendo que o Brasil é um país multilíngue no qual é importante distinguir os contextos em que a demanda é de ensino de segunda língua dos contextos de ensino de língua estrangeira. Apresenta, também, uma análise das proposições governamentais, como o Plano Nacional para a Educação (PNE – 2014-2024), no que se refere ao ensino de línguas e focaliza, então, no ensino de línguas estrangeiras. O artigo oferece uma classificação das tecnologias não institucionais para embasar a escolha dos professores e levar a um uso mais adequado dos recursos linguísticos, tendo em vista um ensino de línguas estrangeiras mais eficaz e interessante para os alunos. Há, assim, uma importante revisão a respeito dos recursos tecnológicos gratuitos, disponíveis na Internet, que podem ser utilizados para potencializar as práticas de ensino e aprendizagem de línguas.

*Uso y adquisición de pronombres personales átonos en lusohablantes y angloparlantes, aprendientes de ELE*, de autoria de Karina Cerda-Oñate, doutoranda em Linguística Aplicada pela Pontificia Universidad Católica de Chile; Gloria Toledo Vega, professora doutora da mesma instituição; e de Natalia Möller, licenciada em Letras pela mesma universidade. Este artigo propõe uma análise do uso e aquisição de pronomes pessoais átonos por aprendizes de espanhol como língua estrangeira, cuja língua materna é o Inglês ou o Português do Brasil. Através de um experimento, as autoras procuram analisar a ocorrência de transferência da língua materna dos participantes para a língua espanhola quando se trata de utilização dos pronomes acima mencionados. O experimento consistia em um pré-teste, análise e correção dos erros e novo teste. Com esse estudo, as autoras oferecem importantes considerações para o ensino de espanhol como língua estrangeira, principalmente sobre o tratamento de erros, elaboração de módulos de ensino e aplicação de *feedback*.

O artigo intitulado *A construção do diálogo em sala de aula de língua inglesa: uma análise enunciativo-discursiva das interlocuções* é de autoria de Renata Pucci, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba, e de Maria Nazaré da Cruz, professora doutora da mesma instituição. Neste artigo, as autoras analisam trechos de aulas de uma turma de inglês gravadas em uma escola de idiomas do interior de São Paulo. O nível da turma é intermediário, e a escola onde as gravações foram realizadas utiliza a metodologia comunicativa de ensino. Com este estudo, as

autoras mostram a importância do papel do professor na tomada de palavra dos alunos, uma vez que é a partir da interação proposta pelo docente que os discentes utilizam a língua alvo para se expressar e, assim, aprender a utilizá-la.

O artigo *Aprender lengua con el traductor automático en la escuela secundaria: un diálogo necesario* é de autoria de Boris Vazquez-Calvo e Daniel Cassany, ambos professores doutores da Universitat Pompeu Fabra, Espanha. O tema central do artigo é o uso de Tradução Automática (TA) como um recurso útil, porém muitas vezes mal aproveitado, na aprendizagem crítica de língua estrangeira. Na análise, apresenta-se a visão dos docentes sobre o uso dessa ferramenta tanto para a compreensão de textos na sala de aula, quanto para a produção linguística de alunos. Segundo os autores, embora apresentem certa familiaridade com o manejo da tecnologia digital, os alunos ainda desconhecem o modo de funcionar de algumas ferramentas e recursos dessa modalidade para facilitar a compreensão e a produção linguísticas. Vazquez-Calvo e Cassany acertadamente propõem a conscientização sobre o uso crítico dessas ferramentas como uma prática essencial para que se faça uma ponte entre a aprendizagem informal e a aprendizagem formal de línguas.

*Ensino de línguas online: um sistema de autoria aberto para a produção e adaptação de recursos educacionais abertos*, tem como autores André Firpo Beviláqua, mestrando em Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas, Vilson José Leffa, professor doutor da Universidade Católica de Pelotas, Alan Ricardo Costa, mestre pela mesma instituição, e de Vanessa Ribas Fialho, professora doutora da Universidade Federal de Santa Maria. O artigo apresenta uma discussão sobre os materiais de ensino livres e abertos no âmbito digital (também conhecidos como REA, Recursos Educacionais Abertos). Em suas considerações, os autores procuram demonstrar os recursos adicionais que uma Ferramenta de Autoria do Professor deve apresentar para ser considerada um Sistema de Autoria Aberto. A partir da análise da ferramenta ELO – Ensino de Línguas Online, os autores verificam a aplicabilidade do princípio dos 4 R's (Reuso, Revisão, Remixagem e Redistribuição) à ferramenta e, em um segundo momento, observam a possibilidade de inserção das licenças de uso *Creative Commons* à mesma. Os resultados, baseados em dados do ensino de inglês quanto de espanhol como línguas estrangeiras, apresentam à comunidade acadêmica uma importante contribuição ao ensino de línguas ao demonstrarem, por intermédio do ELO, que o professor pode engajar-se em projetos de colaboração em massa, de modo a contribuir para a produção de Recursos Educacionais Abertos e a adaptá-los de acordo com os seus propósitos.

O último artigo deste número da *Calidoscópico* intitula-se *Let's be for real? A reconfiguração de atividades pedagógicas liderada por alunos na sala de aula de inglês como língua adicional* e é de autoria de Laura Knijnik Baumvol, doutoranda em Letras pela Universidade Federal do

Rio Grande do Sul, e de Pedro de Moraes Garcez, professor doutor da mesma instituição. Os autores partem da distinção entre *tarefa pedagógica* (planejamento de atividades de aula) e *atividade pedagógica* (realização concreta do planejamento nas ações dos participantes). Seu foco, então, recai sobre como acontece uma grande transformação (reconfiguração) da atividade proposta pela professora nas ações dos alunos. As interações analisadas provêm do registro audiovisual de aulas de um curso livre de língua inglesa. A base teórica é a Análise da Conversa Etnometodológica. A opção metodológica dos autores foi pela análise microinteracional e multimodal. Dois segmentos distintos de interação com reconfiguração de atividade são minuciosamente discutidos, revelando diferenças quanto às oportunidades de aprendizagem da língua alvo. Esses são resultados analíticos de grande importância para professores (em formação ou não) refletirem sobre seu papel e suas práticas de sala de aula.

Feita essa breve caracterização de cada artigo, voltamos nossa atenção para um tema de importância crucial para o bom andamento de todo o processo editorial, desde a submissão até a publicação: a *responsabilidade*. A esse respeito, cabe-nos ressaltar *aos autores* a importância de submeterem os artigos em *plena conformidade* com todas as orientações constantes em nosso sítio (<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/about/submissions#onlineSubmissions>). O fato de as submissões não estarem de acordo com as orientações tem tido, como efeito mais deletério, a demora no processo de avaliação, que precisa ser feito em várias etapas e sobre aspectos que deveriam ser de inteira responsabilidade dos autores *antes* da submissão. O cuidado em relação a essas orientações agilizará em grande medida o cumprimento das metas e prazos de publicação. Vale dizer ainda que também *os avaliadores* devem tomar conhecimento dessas orientações para evitar sugestões que as contradigam e assim obter maior coerência no processo de avaliação. E, evidentemente, *autores* e *avaliadores* devem conhecer e praticar a *Política de Ética* da *Calidoscópico*, disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/pages/view/etica>.

Finalmente, encerramos esta apresentação agradecendo, ainda, a todos os que colaboraram e colaboram com a *Calidoscópico* na organização do trabalho, na revisão de artigos, na busca criteriosa de avaliadores, na correspondência com autores e avaliadores e em tantas outras instâncias desse trabalho que culmina com a publicação de cada volume.

Desejamos a todos profícuas leituras!

Ana Maria Stahl Zilles  
Editora

## Referências

RAMPTON, M.B.H. 1990. Displacing the 'native speaker': Expertise, affiliation, and inheritance. *ELT Journal*, 44(2):97-101.